

# FORMAÇÃO HUMANA: IMPLICAÇÕES ESTÉTICAS NA PRÁTICA DO PROFESSOR NO ENSINO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICO

Danilo Simoni<sup>1</sup>

Ereni Radeck<sup>2</sup>

Gélci Rostirolla<sup>3</sup>

**RESUMO:** Este artigo traz uma contribuição no que diz respeito ao estudo referente a formação humana intercultural, com a perspectiva de buscar bibliografia sobre a importância das concepções culturais, bem como as implicações estética na educação. Esse texto se apoia na pesquisa de um grupo junto a pós-graduação em educação tendo a temática as abordagens epistemológicas da educação no Brasil. Desenvolvida na Universidade Regional de Blumenau. Para apoiar e orientar o estudo foi enunciada a seguinte questão: Como a formação humana intercultural contribui na visão estética e tecnológica, levando em conta, as políticas públicas que elaboram as concepções de educação e suas relações para a compreensão cultural e política? Os autores que predominam na pesquisa são Paulo Freire, Reynaldo Mathias Fleury e Vera Maria Candau dentre a brasileira Cristiane Herres Terreza.

**Palavras-chave:** Educação. Formação Humana Intercultural. Estética. Ensino profissional e tecnológico.

## 1. INTRODUÇÃO

Este artigo se reporta à pesquisa bibliográfica juntamente com o Grupo de Pesquisa Filosofia da Educação (EDUCOGITANS) do curso de Pós-graduação em Educação da Universidade Regional de Blumenau (FURB) tendo como temática as abordagens epistemológicas da educação no Brasil.

Partindo desse pressuposto, o presente trabalho tem como um foco principal debater aspectos relacionados à formação humana intercultural, contribuição da estética e da tecnologia no desenvolvimento de uma boa educação. Nos dias de hoje a educação vem sendo discutida no mundo inteiro, com objetivos de proporcionar um estágio mais significativo e condizente que incentive o desenvolvimento de estudos envolvendo o cenário educacional. O Desafio ou uma das necessidades básicas é enfrentar a revolução tecnológica que apresenta uma desenfreada modelagem de aportes significativos frente as redes sociais, bem como os desdobramentos públicos e estéticos.

O Brasil tem uma longa história, no que diz respeito às reformulações das políticas públicas, como um processo natural. Vários são os fatores que assolam a educação e a economia mundial. O papel do Estado cada vez mais, se mostra menos compromissado com a educação. Já a questão da estética, aos discursos do cenário educacional, se demonstra um cuidado quando se apresenta as modificações, os recursos, as formações do

1 Mestrando em Educação na Universidade de Blumenau (FURB), na linha de Educação, Cultura e Dinâmicas Sociais. E-mail: dlosim@hotmail.com

2 Mestre em educação na Universidade de Blumenau (FURB). E-mail: radeckereni@gmail.com

3 Mestre em Ciência da Informação (UFSC). E-mail: gelcirostirolla@yahoo.com.br

professorado. Para O'REILLY (2015, p. 243),

[...] esse panorama demonstra que as políticas de formação docente pertencem ao bojo de uma micropolítica educacional. Atreladas ao sistema financeiro internacional globalizado, elas vêm funcionando sem o necessário controle dos estados nacionais que, conseqüentemente, deixam de atender os interesses reais da sociedade e os fragiliza frente ao capital internacional, fazendo com que a capacidade de uma política nacional autônoma seja cada vez mais limitada.

Assim sendo, a educação aparece em um cenário nacional, fragilizada e carente de recursos que sustente esse quadro de reformulações políticas públicas.

A partir da década de 1990, a tecnologia começa a ter destaque significativo, atingindo uma classe social com poder aquisitivo melhor. Já as escolas dependiam e dependem até hoje do Estado quanto aos recursos, para atualizar e implantar a tecnologia nas escolas, ideias relacionadas à formação dos professores, mencionavam essa dimensão global. Desde então, estudiosos estão pesquisando sobre a implantação de tecnologias nas escolas. Inúmeros congressos se destacam em função as novas tecnologias, que nos dias atuais faz parte da vida de todos. Assim sendo, a tecnologia chegou, mas na realidade falta a formação dos professores. Frente a essa situação, são poucos os professores que dominam as respectivas habilidades tecnológicas e que se atualizam periodicamente.

Nessas condições, enfrenta-se um desajuste nas ações pedagógicas, onde tem alunos munidos de aparelhos sofisticados e letrados no que diz respeito ao mundo digital. Por outro lado, temos escolas munidas de aparelhos ultrapassados, salas esteticamente antigas e professores acomodados digitalmente.

Portanto, precisa-se urgentemente, que as políticas públicas olhem para a educação com esmero e compromisso, que dinamizem a estética das escolas, modernizando-as quanto os ambientes e sua estrutura. É necessária uma formação humana comprometida com a didática pedagógica e inovações dos docentes.

## **2. A FORMAÇÃO HUMANA NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA E A INTERCULTURALIDADE**

Apresenta-se a seguir algumas reflexões sobre a formação humana na educação profissional e tecnológica e a interculturalidade. Em 2.1 trata da formação humana no ensino profissional e tecnológico e em 2.2 trata da formação humana intercultural.

### **2.1 A FORMAÇÃO HUMANA NO ENSINO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICO**

Geralmente o ensino profissional e tecnológico envolve disciplinas práticas, aplicativas e que visam desenvolver e preparar os estudantes para o mercado. Parece que é comum, nos ambientes de ensino profissional e tecnológico, a ausência de reflexões relacionadas às questões filosóficas e experiências estéticas, consideradas primordiais, em especial, na área de humanas das universidades ou das diferentes escolas brasileiras. A arte não é o tema central deste estudo, mas o que nos interessa aqui é “a experiência estética, pois o que ela provoca em nossos sentidos e em nossa imaginação tem uma força irresistível na ampliação das relações com o mundo, inclusive com a ética” (HERMANN (2005, p. 42).

Para uma efetiva educação profissional e tecnológica, o desafio é investir na formação humana,

desenvolvendo indivíduos cidadãos, com o olhar voltado para as diferentes culturas, experiências estéticas e éticas, além da formação curricular técnica e profissional ofertada nas diferentes escolas. É de significativa importância que os estudantes tenham contato com a arte e diferentes experiências de leitura, reflexões filosóficas e experiências estéticas e éticas para seja possível, alimentar a sensibilidade humana e ampliar a visão de mundo.

Uma das finalidades da arte é contribuir para o apuramento da sensibilidade e do desenvolvimento da criatividade dos indivíduos. Na Educação, esta finalidade é uma dimensão de reconhecida importância na formação, ampliando as possibilidades cognitivas, afectivas e expressivas. Desenvolver o poder de discriminação em relação às formas e cores, sentir a composição de uma pintura e tornar-se capaz de identificar o que está representado, requer trabalho e motivação do sujeito. (FRÓIS; MARQUES; GONÇALVES, 2000, p. 201)

Para Deleuze (2000), os signos da madeira tornam alguém marceneiro e a sensibilidade aos signos da doença tonam alguém médico. Assim, o estudante do ensino profissional e tecnológico deve se tornar sensível aos signos da tecnologia para fazer a diferença ao atuar como profissional e cidadão pleno na sociedade.

Para Terraza (2016, p.80)

[...] uma educação estética na educação profissional deve ser capaz de propor o empreendimento de conhecimento, considerando suas múltiplas instâncias – incluindo a histórica. Acredita-se que assim pode se chegar ao entendimento sobre a construção de gostos e a que serve esta construção. Deixa-se para trás, portanto, uma vertente positivista do conhecimento, tratando-o de maneira complexa, o que permite e sugere a realização de modos alternativos de representação e de apresentação das reflexões sobre objeto estudado, privilegiando o desenvolvimento da capacidade criadora.

O desenvolvimento da sensibilidade dos indivíduos na sua *práxis* e no ensino profissional e tecnológico, pode levar os estudantes à uma formação humana intercultural, caso estes indivíduos, tiverem a oportunidade de vivenciar diferentes experiências estéticas e éticas, em qualquer lugar do mundo. Seja por meio de viagens de intercâmbio estudantil, seja por meio de participação em eventos nacionais ou internacionais ou mesmo em viagens turísticas nas férias. Toda a oportunidade de conhecimento, reflexão e experiência estética precisa ser incentivada, para que o indivíduo, se torne um cidadão pleno, com o poder de entender e aceitar a diversidade que o mundo apresenta.

## 2.2 FORMAÇÃO HUMANA INTERCULTURAL

A formação intercultural se caracteriza como um processo que implica em uma relação entre pessoas de diferentes contextos que caracterizam o seu viver cotidiano, que se apoiam na historicidade das pessoas e do grupo. A dinâmica relacional se dá numa perspectiva de trocas de saberes e de bens tanto culturais quanto materiais, e ela se organiza como processo de negociações que caracterizam a vida em sociedade. Essa dinâmica envolve interesses, poderes e saberes que acabam caracterizando esse movimento em um processo político e ideológico.

Nesse contexto, destaca-se que, a interculturalidade busca o entendimento de como se processa a

hibridação decorrente da articulação possível entre as culturas e as pessoas que a promovem e a vivenciam. De acordo com Costa (2006), citado por Bhabha (1994, p. 191)

O processo de reinscrição e negociação – a inserção ou intervenção de algo que assume novo sentido – acontece no intervalo de tempo entre o signo, privado de subjetividade e no escopo da intersubjetividade. Neste intervalo – a quebra temporal na representação – emerge o processo da agência.

Nesse processo a linguagem por meio dos diferentes signos que adota e desenvolve se apresenta como a matriz e meio com que se desenvolvem essas relações de trocas entre saberes e objetos, de inserção e exclusão, de acolhida e repulsa, de subjetividade e objetividade. Nesse conjunto dinâmico que constitui a pessoa em relação temos uma possibilidade mais ampla que as interações dualistas listadas anteriormente de tal forma que entre saberes e objetos existe o significado de cada um para cada pessoa, além da história desses elementos no conjunto a que pertencem. Entre a inserção e a exclusão existem as permanências alienadas e descomprometidas da mesma forma que existem as intenções, forças e poderes que perpassam as relações. Entre acolhida e repulsa na qual subjaz a história de vida pessoal e coletiva. Entre objetividade e subjetividade na qual atuam as paixões e os desejos. Essa forma de incluir um terceiro nas relações é nomeada como triangulação. “Triangulação que rompe com o princípio da dualidade e traz um terceiro para ampliar as formas possíveis para as interações sociais e planetárias e, portanto, culturais” (MOREIRA, 2006, p.123).

Na dimensão da educação, esse processo da triangulação como possibilidade de ruptura, faz com que seja enaltecido o ponto de identificação dos referenciais que predominam como contexto e circunstância definidora da cultura como processo dos integrantes do grupo. Essa identificação se assemelha ao estabelecimento do universo vocabular e dos temas geradores apoiados nos interesses e conhecimentos das pessoas envolvidas no processo educativo como foi proposto por Paulo Freire. Nesse sentido, espera-se que a criança possa:

[...] mergulhar num universo material e imaterial, real e onírico, cujos condutores são os saberes historicamente adquiridos pela família e pela comunidade” assim a criança absorve, assimila e recria significados diversos. “O conhecimento empírico tem a ver com diferenças e semelhanças entre os fenômenos, estes que, surgem por meio da observação e comparação ordenada hierarquicamente com base em características formais; e a palavra ou um termo limitado é o meio pelo qual ele é comunicado. (HEDEGAARD, 2002, citado por RADECK, 2009, p. 9796).

Essa proposta tem como finalidade desencadear uma dinâmica de educação e ensino que possibilite procedimentos considerados como capazes de incluir a diversidade cultural que deixa de se apresentar como problema para se caracterizar como elemento desencadeador de processo de inclusão numa perspectiva de alteridade.

Nesse sentido, traz dentre outros os seguintes autores brasileiros como: Paulo Freire, Reynaldo Mathias Fleury e Vera Maria Candau, e os seguintes autores alemães como: Christoh Wulf e Bernd Wagner como referenciais para o estudo. Estes autores ajudam a refletir a questão da interculturalidade na medida em que ela se apresenta como uma abordagem que pretende incluir os diferentes sem excluir sua identidade.

Para compreender melhor as disparidades de conceitos entre estes autores a pesquisa se direcionou para consultas em diferentes bibliotecas para encontrar teses de doutorado e dissertações de mestrado que tratam desse tema. Essa busca se caracterizou como uma pesquisa do estado da arte onde se destacaram os seguintes autores: Francisca Helena Cunha Daneliczen com o título Interculturalidade e Ensino Religioso: olhares e leituras a partir de uma experiência, Ivone Mendes Richter com o título, Interculturalidade Realidade e Estética

do Cotidiano no Ensino das Artes Visuais, Lêda Maria Braga Tomitch com o título Interculturalidade no Ensino de Inglês Jaime Breilh com o título, Epidemiologia Crítica: ciência emancipadora e interculturalidade.

Partindo do pressuposto de que a educação multicultural busca não somente conhecer os diversos tipos de culturas, mas principalmente favorecer a construção da cidadania, que parte da dialética entre identidade e diferença. A diversidade de concepções existentes entre os diferentes autores e obras consultadas, possibilita observar diferentes formas organizativas da Educação. Nesse sentido há necessidade de pensar uma formação educacional que garanta que o novo docente seja de total competência profissional em várias áreas: na psicologia, pedagogia, políticas públicas bem como o domínio nas questões tecnológicas. Esse profissional deve estabelecer um novo diálogo com os discentes, que possam proporcionar caminhos que busquem alternativas variadas, e que estabeleçam conexões com o novo, que seja, empolgante e prazeroso o verdadeiro sentido do conhecimento humano. Para Kenski (2013, p.11), apud O'reilly (2015, p. 253)

Novas formas de ação docente precisam ser utilizadas para diminuir o fardo ampliado de compromissos desses profissionais. A formação de professores já deve mostrar novos caminhos que utilizem as possibilidades das tecnologias para a organização da função e a partilha da atuação, em equipes.

Essas diferentes formas despertam o interesse para buscar argumentos que explicitem e viabilizem a compreensão dessa dinâmica ao ponto de ultrapassar o simples respeito à diversidade cultural.

No Brasil se desenvolve um importante movimento de organização cultural desencadeado pelos movimentos sociais. O movimento dos sem terra e sem teto, que na construção de reação à dominação e opressão desenvolvem, segundo Freire (1987), uma cultura oprimida que se caracteriza pelo desenvolvimento de posturas de reação de mudança das condições que geram o que os oprime e os marginaliza. Essa cultura oprimida segundo Paulo Freire se mostra uma cultura na dimensão produtiva, se apresenta como cultura historicizada, enfrentamento à cultura opressora que se mostra uma cultura naturalizadora; que na dimensão associativa se mostra como cultura de socialização como enfrentamento da cultura opressora caracterizada pela apropriação e na dimensão simbólica se mostra na condição de cultura oprimida por meio da conscientização e na cultura opressora se apresenta como instaladora e reprodutora da alienação. Dessa forma segundo Paulo Freire a cultura oprimida não se refere a uma cultura menor, mas ao contrário se apresenta como uma cultura que é processo vivo de reação para a libertação e a autonomia.

A Educação Intercultural estimula a criação de 'entrelugares' nos quais interagem diversos significados. Nas políticas educacionais se deve considerar como a diversidade forma parte dos sistemas de raciocínio e atitudes dos professores, alunos e seus familiares, administradores educacionais e comunidades. O estudo da interculturalidade em educação pode ter uma importância imprescindível no fato de que ela possibilita o desenvolvimento de propostas e políticas que incorporam a cosmovisão e o modo de ser de uma população que se constitui de pessoas vindas de diferentes partes da Europa, como os germânicos e os italianos dentre muitos outros que participaram da colonização de diferentes partes do Brasil desde a segunda metade do século XIX. Esses colonos trouxeram cada um, marcas próprias de suas origens que foram incorporadas ao perfil cultural dos locais onde se instalaram.

Partindo desta perspectiva, se justifica o estudo e os debates que defendem uma Pedagogia Intercultural que compreenda a educação como um conjunto de relações de caráter complexo e polifônico que garanta o direito à diferença e estimule a troca e partilha entre os diferentes. A diferença não pode ser tratada como um déficit. A Educação para a alteridade leva em conta a influência da diversidade e do contexto no currículo,

horário, lazer, educação ambiental, corporeidade e violência escolar.

Neste contexto a filosofia tem mostrado com muita criatividade o processo pelo qual a interculturalidade se manifesta. Sobretudo quando o professor incentiva a discussão favorecendo um diálogo entre professor e aluno, o que possibilita uma vazão maior, e dá vida às reflexões que estão em fase de aprimoramento e construção cultural a partir do convívio com pessoas que praticam outros dialetos e idiomas. Isso pode estimular o contato com saberes diversos os quais, mesmo sendo de cunho familiar e regional oportuniza um olhar diferente diante do universo de tentativas, diferenças e semelhanças em uma 'suposta' cultura dita até então. "Cada cultura tem suas próprias e distintivas formas de classificar o mundo e classificar significa estabelecer uma metodologia com critérios e parâmetros em torno dos quais, cada elemento, pode ser incluído em determinado contexto e circunstância". (WOODWARD, 2005, p. 41). Dessa forma, se pode dizer que as classificações são sempre ideológicas e políticas e assim pode-se também destacar que os movimentos culturais e interculturais se mostram como ações e proposições também tendenciosas e direcionadas tanto pela história como pelas circunstâncias que definem e estabelecem as formas como se dão as relações.

A cultura é uma construção de sistemas classificatórios com que a cultura nos propicia os meios pelos quais podemos dar sentido ao mundo social e construir significados, assim...

Esses movimentos sociais e educacionais propõem uma convivência, no sentido de construir referenciais epistemológicos pertinentes, e dessa forma o trabalho intercultural pretende contribuir para superar tanto a atitude de medo quanto a de indiferente tolerância ante o "outro", construindo uma disponibilidade para a leitura positiva da pluralidade social e cultural. Trata-se, na realidade, de um ponto de vista baseado no respeito à diferença, que se concretiza no reconhecimento da paridade de direitos. (FLEURI, 2003, p.16).

Esta perspectiva defende uma educação que tenha como alicerce o diálogo e o respeito entre as diferentes culturas. Contudo, não bastou perceber tantas diferenças, fazendo um itinerário de pesquisa e material bibliográfico que há à disposição, com os quais se percebe uma variedade de estudos sobre esse tema o que evidencia sua complexidade. O mundo em que vive o branco, a vida do negro, os excluídos, as religiões, pobres, ricos enfim essa miscelânea que constitui a sociedade regida por uma lógica implícita no modelo civilizatório vigente que tem o individualismo, a ganância e a acumulação individual como um referencial significativo e dominante. O uso das crendices, o jeito de se vestir, o gosto de diversos tipos de comidas, o jeito de pensar, falar e ser, mostram aspectos desse universo caótico e pode-se dizer quântico pela diversidade e pela incapacidade de mensurar, classificar e ordenar.

Dessa forma conforme, "a sociedade se comporta como processo eco-desorganitivo/organizativo pelo fato de ser impossível estabelecer pontos de partida ou de chegada pois são incontáveis as interações e intervenções que ocorrem a todo o tempo no contexto das relações humanas e sociais (KEIM, 2008). A maneira como se comporta o rico e o pobre, a família e os filhos, o pai e mãe, o professor e o aluno, a escola e a igreja etc... São instituições organizadas pelos humanos na busca de algum equilíbrio e de alguma ordem social, mas dá-se ao, perceber que equilíbrio social significa equivalência de forças e não ausência de forças (KEIM, 2008). Portanto equilíbrio e harmonia são estados de culminância de tensões e ausência delas.

Além disso, as diferenças de cunho políticos de quem tem consciência e utiliza os poderes que tem e que sofre estabelecem diferentes posições que se caracterizam como agentes de intervenção e interação que se caracterizam como processos que geram libertação ou repressão ou que geram autonomia ou marginalização. Essas diferentes formas de lidar com o poder no contexto da sociedade mostram que a cultura diante da



diversidade cultural, da qual, nos apresentam os que, de certa forma, têm o poder nas mãos.

Nas leituras realizadas sobre a perspectiva cultural na América Latina, existe um histórico pujante referente à diversidade cultural, mas que é pouco divulgado pela ameaça que ela representa para o modelo hegemônico de intervenção e atuação nas relações sociais e humanas. Essa diversidade é fundamental para a formulação, implementação e avaliação das políticas públicas. Isto contribui para o surgimento de movimentos reivindicatórios pela eliminação das discrepâncias que excluem os nativos e seus ritos bem como seus processos e crenças culturais. Conflitos que nas áreas de educação, direito, saúde, agricultura, economia e meio ambiente promovem perdas que são irreparáveis para a emancipação desses povos e dessas pessoas.

De acordo com Leff (2001, p.23),

Na América Latina Espanhola a abordagem intercultural exige levar em conta a diversidade ambiental e o lugar das culturas nas concepções de educação ambiental, ciência, racionalidade na relação homem - natureza, progresso científico-tecnológico e ético.

Como um crítico das tentativas políticas e discursivas que na área ambiental, menosprezam as particularidades levanta com suas abordagens teóricas, argumentos importantes para enfrentar o conjunto de agressões que os ambientes sofrem, nesse contexto civilizatório regido pela organização da sociedade com base no mercado e não na vida como partilha e responsabilidade coletiva.

Muitos discursos referentes às questões ambientais falam do universal sem considerar as singularidades e os menos favorecidos. No contexto dos desafios e mudanças atuais, entende que a filosofia latino-americana deve incluir todos os olhares.

A partir dos anos 80 ganham força os chamados para aprofundar ações relacionadas à intercultura e à educação que considera a oralidade como referencial para suas ações e posições, com destaque para, por exemplo, a educação bilíngue que é denominada conforme a região de diferentes formas como: Educação Intercultural Bilíngüe (Guatemala, Brasil), Educação Bilíngue (Bolívia), Etnoeducação (Colômbia), Educação Bilíngue Bicultural dentre outras formas que evidenciam sua complexidade e regionalismo. (FORNET-BETANCOURT, 2002, p.23).

Tratar de interculturalidade no contexto da educação é por si só um desafio como o de se lançar em forma um emaranhado que não apresenta possibilidades de encontro de onde o processo teve início e como e quando teve encerramento. Dessa forma o professor alemão escreve:

A cooperação intercultural engendra uma nova forma organizacional da pesquisa cujos envolvidos precisam aprender a conviver, de maneira produtiva, com as diferenças. Essas pesquisas serão interculturais se elas não restarem no nível da simples adição de diferenças nacionais ou culturais, e se elas conseguirem elaborar problemáticas e metodologias que permitam religar as diferenças culturais umas nas outras, de maneira a fazer aparecer novas perspectivas e novos contextos para a produção de saberes. (WULF, 2005, p. 199).

Partindo desta perspectiva, se defende uma Pedagogia Intercultural que compreenda a educação como um processo que transcenda o universo das mudanças assumindo a necessidade de ser revolucionária, isto é, de fazer e gerar mudanças que alterem substancialmente as formas de viver.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa de onde esse artigo foi inspirado mostra que muitos dos aspectos e desafios descritos até aqui estão presentes tanto no Brasil quanto na Alemanha, mudando de alguma forma os aspectos pelos quais são abordados, devendo-se considerar que existem poucas diferenças em sua natureza, mudando muitas vezes apenas os elementos referenciais, como sendo discriminados no Brasil o negro e o indígena e os turcos na Alemanha.

Essa abordagem cada vez mais é reconhecida como um processo caótico e complexo, porém real e subjetivo o que faz com que a educação que se pretenda intercultural, deva buscar formas para lidar com os conteúdos e com os fundamentos tradicionais com meios inclusivos e diversificados de forma que as diferenças e os diferentes sejam considerados como relevantes e imprescindíveis para lidar com os desafios da crescente violência urbana que chega aos ambientes escolares e familiares, às violações dos direitos civis e à degradação ambiental que põem em risco a vida planetária.

Assim a educação para a alteridade deve levar em conta a influência da diversidade e do contexto no currículo no que se refere aos horários, às formas de lazer, aos desafios propostos pela educação ambiental que incorpora desde o ambiente constituído pelo corpo de cada um e suas roupas e com os ambientes mais próximos como as paredes, cercas, muros, ruas e demais construções que compõe o ambiente urbano. Todos esses aspectos devem de certa forma levar em conta as modernas teorias da motricidade humana como uma forma de estudar e debater a dimensão da corporeidade como referencial de cultura e intercultura.

### REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi. *The location of culture*. Londres: Nova York, Routledge. 1994

DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Lisboa: Relógio d Água, 2000. 493p.

FLEURI, Reinaldo Matias. Intercultura e educação. *Rev. Bras. Educ.*, Rio de Janeiro, n. 23, p. 16-35, 2003. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782003000200003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782003000200003&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 28 Ago. 2019.

FORNET-BETANCOURT, Raúl. Por una filosofía intercultural desde la América Latina. *Cuadernos Hispanoamericanos*, 2002, n.627, setembro. p. 23-27.

FRÓIS, João Pedro; MARQUES Elisa; GONÇALVES, Rui Mário. A educação estética e artística na formação ao longo da vida. In: FRÓIS, João Pedro; HOUSEN, Abigail. *Educação estética e artística: abordagens transdisciplinares*. Lisboa : Serviço de Educação e Bolsas, Serviço de Educação e Bolsas, 2000. 249 p, il. Textos da Conferência Internacional Educação Estética e Artística.

HERMANN, N. Ética e estética: a relação quase esquecida. Porto alegre: EDIPUCRS, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v22n69/1413-2478-rbedu-22-69-0429.pdf>>. Acesso em 28 ago 2019.

KEIM, Ernesto Jacob. *Cosmovisão e ontologia para a educação*. Blumenau, FURB mimeo, 2008.



LEFF, E. *Epistemologia ambiental*. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987.

MOREIRA, Roseli K. *Da tridimensionalidade às relações tridimensionais na Ecopedagogia: uma perspectiva diferenciada de educação*. Blumenau: FURB Dissertação de mestrado, 2006.

O'REILLY, Maria Cristina Ravaneli de Barros. Formação de professores: tecnologia educacional. In.: PARENTE, Cláudia da Mota Darós; VALLE, Luiza Elena L. Ribeiro do Co-autor; MATTOS, Maria José Viana Marinho de Co-autor. *A formação de professores e seus desafios frente às mudanças sociais, políticas e tecnológicas*. Porto Alegre: Penso, 2015. *E-book*. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/books/9788584290130>. Acesso em: 30 agosto. 2019.

RADECK, Ereni. Interculturalidade e educação popular: uma reflexão com base em autores alemães e brasileiros. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, EDUCERE, 9. 2009, Curitiba. *Anais eletrônicos...* Curitiba: PUCPR, 2009.

TERRAZA, Cristiane Herres. A educação estética no ensino técnico/profissional: a desconstrução do mecanicismo pela prática emancipatória do ensino da arte. *Revista Ciclos*, Florianópolis, v. 3, n. 6. p. 73-85, ago. 2016.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz T. (Org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes. 2005.

WULF, Christoh. *Antropologia da educação*. Campinas/SP: Alínea. 2005.